

UM MUSEU PARA TODOS: ACESSIBILIDADE PROGRAMÁTICA EM INSTITUIÇÕES CULTURAIS

**YASMIN SANTOS BOANOVA DE SOUZA¹; KARINA DO NASCIMENTO SOUSA
LIMA²; BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER³; ANA PAULA DOS SANTOS
DUARTE⁴; LARISSA GOUVÊA SOARES; DESIRÉE NOBRE SALASAR⁶**

¹Universidade Federal de Pelotas – yasminbs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ka.nslima@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - bethaniawerner@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – anapaula.sduarte@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - gslarislena@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – dnobre.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A cultura é um dos pilares que baseiam as relações sociais e a perpetuação de diferentes modos de viver. Sendo essencial para o estabelecimento de continuidades, “a função da cultura, dessa forma, é, entre outras coisas, permitir a adaptação do indivíduo ao meio social e natural em que vive”. (SILVA, 2006, p. 86). Nesse sentido, proporcionar autonomia e independência para os indivíduos e tornar ambientes culturais mais acessíveis é uma forma de garantir acesso ao direito de fruição cultural pertencente a todas as pessoas.

Desta forma, um conceito fundamental que dialoga com os ambientes culturais é o de acessibilidade, sendo definida como a garantia do exercício de cidadania das pessoas com deficiência através da viabilização de seu acesso a ambientes, produtos e equipamentos em igualdade de oportunidades às demais pessoas. (SALASAR, 2019).

Dessa forma, o conceito de acessibilidade cultural é uma das sementes que deu origem ao Projeto de Extensão *Um Museu para Todos: Programas de Acessibilidade*¹, iniciado no segundo semestre de 2019 através da Rede de Museus da UFPEL, como uma das metas do Plano² de Acessibilidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. O projeto visa o desenvolvimento da acessibilidade programática, para que os museus tenham um planejamento e uma política institucional de acessibilidade, os quais, por consequência, buscam estabelecer a universalidade na recepção. Além disso, busca estabelecer um diálogo com as instituições parceiras fomentando a interdisciplinaridade a partir da participação de alunas voluntárias dos cursos de Terapia Ocupacional, Ciências Biológicas, História, Artes Visuais, Ciências Sociais, Pedagogia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, contando também com a presença de um consultor com deficiência graduando em Museologia e mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Estão, portanto, entre os museus parceiros do projeto: o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, o Museu do Doce, o Memorial do Anglo e o Museu Municipal Parque da Baronesa, o qual integra o projeto a partir do contato que a direção do museu fez com a coordenação, solicitando parceria com o projeto para tornar o museu mais acessível.

Nesse sentido, o Projeto de Extensão *Um Museu para Todos: Programas de Acessibilidade* atua através de diálogos e ações que buscam praticar o conceito de

¹ Projeto coordenado pela Profª Me. Desirée Nobre Salasar.

² O Plano de acessibilidade da PREC foi desenvolvido em resposta à solicitação da Comissão de Apoio ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – CONAI.

desenho universal, sendo esse o “desenvolvimento de produtos, equipamentos e ambientes que pressupõe o uso por grande parte da população, respeitando à diversidade humana.” (SALASAR, 2019, p. 60). Orientando-se a partir do respeito às diferenças busca-se promover uma sociedade centrada em todos os indivíduos e a sensibilização para a temática da acessibilidade cultural.

2. METODOLOGIA

As ações do projeto baseiam-se nas sete dimensões de acessibilidade, são elas: Atitudinal (modo como tratamos as pessoas com deficiência), Arquitetônica (adaptações estruturais do espaço), Comunicacional (modo que a instituição se comunica com o público), Instrumental (recursos de tecnologia assistiva), Metodológica (planejamento institucional de fruição do público nos ambientes), Programática (legislações/normas que visam eliminar barreiras de acesso das pessoas com deficiência aos mais diferentes contextos) e Web (acessibilização dos conteúdos de mídias digitais).

O projeto distribuiu as suas ações em dois momentos: O primeiro corresponde às ações desenvolvidas em 2019, que consistiram na realização de encontros presenciais com os museus para o desenvolvimento de diagnósticos baseados em dois instrumentos de avaliação desenvolvidos pelas autoras Dilma Negreiros e Marta Dischinger que levaram em consideração as dimensões de acessibilidade mencionadas acima, resultando na elaboração de relatórios³ para cada museu a partir dos dados coletados nas visitas. Isso foi importante para em seguida apresentar um retorno às instituições e dimensionar os problemas existentes nesses espaços para assim, desenvolver planos de resolução dessas fragilidades para execução a curto, médio e longo prazo. O segundo momento está em andamento durante esse ano e consiste na apresentação dos diagnósticos de acessibilidade aos museus, a realização de oficinas de capacitação das equipes e a elaboração e aperfeiçoamento dos planos de acessibilidade, considerando as especificidades de cada instituição. Em função da pandemia e do isolamento social foram adotadas reuniões online para a realização de encontros duas vezes por semana.

Os assuntos das oficinas foram levantados no momento dos encontros com as equipes durante o repasse dos diagnósticos, onde eles apresentaram as suas dúvidas e demandas para posterior sistematização e diluição em atividades teórico-práticas. Os assuntos escolhidos foram: Conceitos referentes à temática e recepção de públicos com deficiência; Linguagem simples e comunicação alternativa; Audiodescrição; Design Expositivo e comunicação acessível; Acessibilidade Web e Museus pós-pandemia.

A fase de instrumentalização através das oficinas foi concluída, e a partir de então nos encaminhamos para a fase final do projeto que consiste na elaboração e aprimoramento dos Programas de Acessibilidade⁴ de cada instituição. Os programas serão desenvolvidos seguindo três eixos: Teórico: abordando a visão do museu frente às questões de acessibilidade, respeitando a história da

³ A equipe se baseou no “formulário de avaliação em ambientes culturais” desenvolvido pela UFRGS, com base na norma brasileira ABNT NBR9050, que configura parâmetros de acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos.

⁴ Os Programas de Acessibilidade reúnem uma série de estratégias que perpassam 6 eixos norteadores: Diagnóstico de Acessibilidade; Equipe Multidisciplinar; Respeito pela história da instituição; Delimitação ou não do público alvo; Recursos Inclusivos; Plano de Evacuação de Emergência para pessoas com deficiência. Esses programas visam garantir o acesso à maior gama de públicos possíveis a instituição.

instituição; Objetivos: Práticas referentes aos profissionais que trabalham na instituição e aos acervos e a sua relação com o ambiente físico do museu; Continuidade: Previsão de revisão do diagnóstico e renovação do Plano de Acessibilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O momento de apresentação dos diagnósticos aproximou as equipes dos museus e do projeto, ambas interdisciplinares, proporcionando diversos olhares para a mesma questão. Embora a acessibilidade em museus já tenha se expandido no Brasil, alguns conceitos e práticas ainda eram desconhecidos pelas equipes, por isso o acolhimento e a sensibilização foram de extrema importância nesse processo, viabilizando diálogos que trouxeram à tona além da acessibilidade, a inclusão e diversidade de públicos, as histórias dos museus, dos casarões e o contexto histórico da sociedade.

Em todas as ações desenvolvidas buscou-se sensibilizar as equipes sobre a importância da inclusão que dá suporte à acessibilidade. Como já mencionado, a realização das oficinas e a apresentação dos diagnósticos foram de grande importância para que as equipes se familiarizassem com os conceitos trabalhados e pudesse pensar, em conjunto com a equipe do projeto, em estratégias de acessibilização dos ambientes, conteúdos e redes sociais para uma melhor recepção dos diversos públicos passíveis de visitar as instituições. Além disso, também foi salientada a valorização da extensão universitária em ações de acessibilidade.

Embora as oficinas tenham sido disponibilizadas para todas as equipes dos museus parceiros, por razões diversas, em alguns dias ocorreram ausências de equipes e falta de representação de algumas instituições. Assim, entendendo a relevância do conteúdo compartilhado, todas as oficinas foram gravadas e serão enviadas junto aos relatórios dos diagnósticos de acessibilidade, para que os museus tenham esse material para posteriores consultas. A partir da próxima etapa espera-se que para o desenvolvimento e atualização dos programas de acessibilidade, todas as equipes consigam estar presentes para que o documento fique em consonância com a realidade de cada museu.

O Programa de Acessibilidade deve fazer parte do Plano Museológico, segundo a Lei Nº 13.146, do Estatuto dos Museus, que está incluído pela Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que fala sobre a Inclusão da Pessoa com Deficiência. No documento deverá conter as possibilidades e disponibilidades do ambiente museológico para que se torne um lugar inclusivo para as pessoas com deficiência, considerando todas as dimensões de acessibilidade. Espera-se que os programas desenvolvidos possam ser executados de forma contínua, em constante evolução e atualização, proporcionando novas maneiras de pensar esses ambientes.

4. CONCLUSÕES

Como atividade extensionista, o projeto e suas ações justificam-se como essenciais, principalmente a partir da inclusão dessas pautas tanto na formação acadêmica quanto no retorno que proporciona para a comunidade, criando espaços que pensem e ponham em prática a possibilidade de todos e todas exercerem os seus direitos de maneira independente.

Devido à pandemia, o projeto sofreu algumas adaptações, dentre elas a abertura de um novo edital para voluntários, o que resultou no ingresso de novas integrantes na equipe, aumentando essa para 10 alunas. Além disso, contar com

um consultor com deficiência no projeto é de suma importância, dada a necessidade de elaborar políticas considerando a representatividade durante todo o processo.

Outro aspecto importante consequente do projeto é o fomento à formação continuada por parte das equipes dos museus parceiros. Esse processo é construído a partir de diferentes formas de sensibilização, como por exemplo, àquela que foi dada através da apresentação dos diagnósticos de acessibilidade, os quais buscaram elucidar as sete dimensões de acessibilidade e sair do senso comum que atrela a acessibilidade somente ao acesso físico aos ambientes.

Um ponto que merece destaque é o fato de alguns prédios não pertencerem às instituições, fator que impede intervenções em sua estrutura. Por isso, outra barreira, se dá devido à falta de verba das instituições públicas de ensino superior. Com exceção do Museu da Baronesa, todos os demais museus parceiros do projeto são universitários, ou seja, estão ligados aos institutos da universidade, os quais enfrentam dificuldades estruturais e financeiras. Logo, os museus acabam sofrendo as consequências dessa desvalorização com a ausência de verbas destinadas para suas necessidades. Tal aspecto foi inclusive lembrado durante as oficinas pelos próprios diretores, além do excesso de trabalho causado pela escassez de recursos humanos, fazendo com que ocorra sobrecarga na equipe e dificulte a realização de um trabalho mais minucioso. Por isso, é importante pensar sempre em como articular o máximo de experiências no museu, sem que isso fira a história de cada instituição e que respeite as particularidades de cada museu.

Por conta dos aspectos apresentados o projeto possui, portanto, sua importância relacionada à preocupação da Rede de Museus em oferecer ambientes mais inclusivos. A partir dessa ação, então, ao final do projeto os museus universitários de Pelotas terão suas políticas institucionais de acessibilidade, como preconiza o Estatuto dos Museus. Dessa maneira, sensibilização e instrumentalização, tanto das equipes das instituições parceiras quanto do público em geral, retomam a importância das discussões sobre acessibilidade e do projeto *Um Museu para Todos*. A partir dessa conscientização é possível que se pensem esses espaços de outras formas, sendo essas mais inclusivas e pautadas na valorização da diversidade humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** Rio de Janeiro, p. 162. 2015

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de jan. de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Brasília, DF, jan. 2009.

SALASAR, D. N. **Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade.** Pelotas: Ed. da UFPel, 2019.

SILVA, K. V. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.